

Alcântara Machado: um escritor apaixonado pelos ítalo-brasileiros

Adriana Zanela Nunes- UFRJ

INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem o objetivo de contemplar a obra *Brás, Bexiga e Barra Funda*¹, do escritor e jornalista Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), privilegiando o vocabulário característico do imigrante italiano, destacado pelo autor no livro citado.

Escolhi este livro porque ele retrata um povo em um país estranho ao dele, precisando adaptar-se da melhor maneira possível, inclusive negando a própria identidade cultural e lingüística. Alcântara ressalta, de forma simples, a vida desta gente trabalhadora que veio para o Brasil “lavorar” (e sobre isso posso falar com muita propriedade, pois sou bisneta de camponeses italianos) e tentar viver dignamente, possuir terra para plantar e colher.

Quando descreve a vida cotidiana do imigrante italiano no Brasil, mais especificamente em São Paulo, onde ocorreu uma grande concentração de imigrados, Alcântara, a meu ver, presta uma gloriosa homenagem a estes imigrantes, os quais, usando suas próprias palavras, seriam a “novíssima raça de gigantes”².

Paulista e paulistano, Alcântara esteve muito próximo dos imigrantes, que chegaram em massa nos primeiros anos do século XX e se concentraram em bairros pobres e industriais, principalmente os mesmos que dão título ao livro com o qual trabalhamos.

¹ O livro *Brás, Bexiga e Barra Funda - notícias de São Paulo* é composto por 11 historietas, que misturam contos e crônicas. Desde 1961, elas vêm sendo publicadas juntamente com as de *Laranja da China*, sob o título *Novelas paulistanas*. Na época da primeira edição do volume, em 1927, três dessas historietas (“Gaetaninho”, “Carmela” e “Lisetta”) já haviam sido publicadas no *Jornal do Comércio*, as duas últimas acompanhadas da observação: “Para um possível livro de contos: ÍTALO PAULISTAS” (MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China*. São Paulo: Klic, 1997, p. 151. Coleção Livros O Globo. nº 20).

² Idem, p.160.

Ressalto, também, a questão da imigração italiana na América e no Brasil, em fins do século XIX e começo do século XX, que foi maciça devido a fatores vários, dentre eles a reunificação da Itália, antes da Segunda Grande Guerra. Esse povo teve que deixar sua pátria, que já não oferecia condições favoráveis, e tentar uma nova vida em terras estrangeiras.

Com a chegada do imigrante italiano ao Brasil, observamos uma linguagem que não era nem o português e nem o italiano. Segundo denominação de Alcântara Machado, os imigrantes italianos que foram para São Paulo seriam os ítalo-paulistas, que misturavam os dois idiomas, o que ocorreu em função da urgência desse povo em se adaptar às novas necessidades lingüísticas.

Alcântara não foi um modernista clássico, pois não fez parte da Semana de 22; sua obra, porém, apresenta características deste estilo de época. É Rubens Ricupero quem lembra, em seu artigo intitulado “Alcântara Machado: testemunha da imigração”, o que Tristão de Ataíde diz sobre a língua que Alcântara usa em suas histórias:

A língua das histórias é enxuta, rápida, ágil, telegráfica (...) o estilo cinematográfico de *Pathé Baby*, na velocidade dos cortes, no ritmo acelerado das seqüências, na fugacidade das impressões. A frase é elétrica, curta, mais nervo que carne, mais verbo que adjetivo, mais ação que descrição.³

Contudo, não foi o único a revelar características modernistas em sua obra. Antes dele, já havia aparecido um cronista que satirizou o imigrante italiano: Juó Bananére,⁴ considerado um pioneiro da crônica de imigração na imprensa paulistana na década de 20, recorrendo à paródia, usando o português macarrônico dos italianos de São Paulo, com a colaboração do desenhista e caricaturista Voltolino. Estudando no coração do Bom Retiro e cruzando as ruas do Brás e o bairro da Bela Vista, popularmente chamado de Bexiga, Juó Bananére passou anos observando os ítalo-brasileiros.

A Itália é um país que vem se destacando cada vez mais no cenário brasileiro. Prova disso são os vários trabalhos na teledramaturgia, em novelas como “Rei do Gado”, “Terra Nostra” (década de 10), e, mais recentemente, “Esperança” (anos 30), todas do escritor Benedito Ruy Barbosa, transmitidas pela Rede Globo de Televisão.

³ RICUPERO, Rubens. “Alcântara Machado: testemunha da imigração”. *Revista de Estudos Avançados da USP*, v.7, n.18, p.144-145, maio/agosto de 1993.

⁴ Pseudônimo literário do engenheiro, arquiteto, poeta e jornalista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933). Sobre este escritor e sua época, vale ressaltar os trabalhos de CARMO, Maurício Martins do. *Paulicéia scugliambada, Paulicéia desvairada: Juó Bananére e a imagem do italiano na literatura brasileira* (Niterói: EDUFF, 1998, 233 p.),

Na literatura recente, é relevante citar o trabalho de Margareth Mazzantini, *Não se mexa*,⁵ e o romance de Francesco Marroni, *O ouro de Sevilha*⁶.

A Itália foi o país homenageado na XI Bienal Internacional do Livro, que ocorreu de 15 a 25 de maio de 2003, e esteve no cenário cinematográfico com o evento Semana Cinema Italiano e Literatura⁷ também em 2003, com a mostra de filmes italianos e adaptações de clássicos da literatura italiana, como *O cavaleiro inexistente* (Italo Calvino), dirigido por Pino Zac; *O Deserto dos Tártaros* (Dino Buzzati), sob a direção de Valerio Zurlini, e ainda *A trégua* (Primo Levi), com direção de Francesco Rosi, dentre outros.

Importante citar o livro *Historiografia da imigração para São Paulo*, de Boris Fausto⁸, que trata da questão da imigração para o Estado de São Paulo no período de 1880 a 1960, com base nos resultados da investigação em andamento no Idesp (Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo). Neste livro, ele cita Michael Hall⁹ – que, em sua Tese de Doutorado, defendida em 1969, trata das origens da imigração em massa para o Brasil, dedicando um capítulo aos italianos em São Paulo, ou melhor, ao meio rural paulista – e menciona a monografia de Warren Dean,¹⁰ de 1976, sobre o município de Rio Claro, abrangendo o período de 1820 a 1920. Dean dedica boa parte de seu texto a um minucioso estudo da organização das fazendas sob trabalho escravo, à experiência do sistema de parceria e à crise do escravismo, concluindo que poucos imigrantes lavradores se tornaram proprietários de terra.

ALCÂNTARA MACHADO E A LINGUAGEM ÍTALO-PAULISTA:

O escritor e jornalista Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira (1901-1935) não se enquadrou dentro da filosofia do período modernista por acaso. Podemos observar em seus contos o mais puro retrato de uma época. Testemunhos são dados por vários escritores, como Alceu Amoroso Lima¹¹, por exemplo: "(...) O sr. Alcântara

FONSECA, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em blague* (São Paulo: Editora 34, 2001, 208 p.) e HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914: o processo imigratório* (São Paulo: IEB-USP, 1986).

⁵ MAZZANTINI, Margareth. *Não se mexa*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 298p. O livro recebeu o prêmio, Strega, em 2001, na Itália.

⁶ MARRONI, Francesco. *O ouro de Sevilha*. Trad. Renata Lucia Bottini. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002. 175p.

⁷ CINEMA: ITALIANO E LITERATURA (Rio de Janeiro, RJ). De 15 a 22 de maio de 2003. Catálogo. Apoio Ministero per i Beni e le Attività Culturali, Cinecittà Holding, Instituto Italiano di Cultura e Grupo Estação. Apresentação de Franco Vicenzotti e Ilda Santiago, 2003. 14p.

⁸ FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. Apres. Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1991, p. 16-18.

⁹ Idem, p.16.

¹⁰ Idem, p.17-18.

¹¹ MACHADO, Antônio de Alcântara. *Antologia: Trechos escolhidos por Francisco de Assis Barbosa*. Rio de Janeiro: Agir, 1961, p.95-96. Coleção Nossos Clássicos, n.57.

Machado nunca se perde. O que tem a dizer diz logo. E vai direto ao que conta. (...) Os contos do sr. Alcântara Machado são imagens do São Paulo de hoje, da italianização da raça sobretudo.”

Alcântara, em um de seus artigos no *Diário da Noite*, qualificou de “famigerado” o artigo 26 da Constituição de 1934, que revogou o acordo ortográfico oficializado pelo governo da época.¹² Essa atitude corrobora o seu caráter decidido. Com esse perfil, só podia mesmo seguir a filosofia do Modernismo, ou seja “destruir o convencionalismo literário, desmoralizar a inteligência empalhada e acabar com os medalhões da cultura”.¹³ Aliás, uma de suas viagens à Europa possibilitou-lhe um contato direto com os modernistas europeus.

Desde criança, Alcântara já tinha o gosto pela leitura, despertada pelas histórias em quadrinhos do Tico-Tico, uma das criações do desenhista, caricaturista e escritor ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Ao longo de sua carreira como escritor e jornalista, manteve uma estreita ligação estilística com os quadrinhos e com a linguagem visual, dialogando com artistas como Angelo Agostini, Voltolino e, principalmente, Paim, co-autor de *Pathé-Baby* (obra que se caracteriza pela reunião de impressões de viagem e de crônicas), com prefácio de Oswald de Andrade e ilustrações de Antonio Paim, publicada em 1926 pela Editorial Hélios Limitada, de São Paulo.¹⁴ De duas maneiras, Voltolino influenciou Alcântara: pela maneira como desenhava e através de sua criação, o personagem Juó Bananére, que parodiava a colônia italiana de São Paulo.

As origens aristocráticas desse escritor cujo centenário de nascimento foi em 2001 contribuíram para o que produziu, ou seja, o retrato da vida do imigrante eternizado nos contos de *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*.

As comemorações dos seus 100 anos de nascimento foram marcadas pela reedição de seus livros. A editora Studio Nobel, em co-edição com o IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da USP, e a Imesp lançaram os três primeiros volumes, de um total de sete, das obras completas de Alcântara Machado, com organização de Cecília de Lara e Djalma Cavalcante.¹⁵

A posição de espectador de Alcântara foi fundamental para o registro de um momento histórico e único, um universo que não mais existe. O Brás do barbeiro Tranquillo Zampinetti, do conto “Nacionalidade”, já não é mais um bairro maciçamente italiano. A inevitável mobilidade social de São Paulo fez desaparecer traços de uma pequena Itália

¹² MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda, Laranja da China, Mana Maria, contos avulsos*. Rio de Janeiro: José Olympio, p. XXII, 1979.

¹³ Idem, p. XXIV.

¹⁴ *Cult*. Revista Brasileira de Literatura. São Paulo: Lemos Editorial, n.47, p.56, junho 2001.

retratada de forma tão original. O barbeiro e tantos outros que não foram personagens de Alcântara mudaram-se para bairros de classe média. Restou-nos, além da obra-prima de Alcântara, o livro de memórias de Zélia Gattai, *Anarquistas Graças a Deus*, e os depoimentos de *Memórias e sociedade*, dedicados a Ecléa Bosi.

Alcântara não participou da famosa Semana de 22, surgindo apenas em 1925. Era já um escritor completo, cuja filosofia misturava-se com a do Modernismo, um movimento que desenvolvia o espírito revolucionário. Esse caráter inovador em Alcântara Machado, com seu ítalo-paulistanismo, é o mesmo ideal inovador do chamado movimento Decadentista¹⁶, que surgiu com a consolidação de novas estratégias narrativas.

Alcântara defendia, tal como os “rapazes” paulistanos que participaram da Semana de 22, a liberdade de criação artística, o direito de crítica, a livre expressão do pensamento, a literatura militante. E era integrado com a alma popular. O fato de ser um escritor paulista e paulistano o ajudou a descrever de forma clara, simples e objetiva a vida do imigrado italiano que foi para São Paulo.

No que se refere à língua, as questões que mais chamam a nossa atenção estão relacionadas com o uso dos vários códigos, ou seja, a língua de origem, o dialeto de origem, a criação de um linguajar que se adequasse à língua local, e a língua portuguesa propriamente dita. É interessante como Alcântara soube colocar isso em seu livro, retratando a chamada linguagem ítalo-paulista de forma a valorizar o imigrante. Ele soube combinar raça e língua sem fazer ironias ou desvalorizá-lo.

Alcântara, em seu livro de contos intitulado *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*¹⁷, traça histórias da vida cotidiana de pessoas comuns, moradoras de bairros humildes. No livro, o imigrante italiano constitui a própria trama, o núcleo central da obra literária, não é apenas um personagem episódico, como em Mário de Andrade, ou um pretexto de sátira, como em Juó Bananére. A imagem do italiano é, em geral, positiva em Alcântara.

Existia, como já se viu anteriormente, uma idéia reinante entre os imigrantes e seus descendentes (filhos, netos e bisnetos): a conquista da terra, a integração e absorção do imigrante pobre, que estava contagiado com o ritmo acelerado do progresso. O sentimento reinante era de progresso, novidade, velocidade e muito trabalho para todos. A metrópole crescia e transformava-se em morada de vários povos, especialmente de italianos. Era um sonho que se renovava através de exemplos dos barões da indústria,

¹⁵ *Cult*, op. cit., p.50.

¹⁶ FARIA, Flora de Paoli, op. cit. p.254.

¹⁷ 1927, ano da primeira edição do livro, Cf. BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, [197-?], p.423, nota 310.

como os Matarazzo, Martinelli e Crespi. Imigrantes que deram certo em suas conquistas e aventuras em uma terra distante da de origem e que eram atentamente observados pelos olhos daquele que é considerado por muitos críticos o precursor do modernismo brasileiro: Juó Bananére.

BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA: FOCO NA LINGUAGEM.

Esse livro traz, além do reconhecimento geográfico da cidade de São Paulo, um conjunto de aspectos humanos, morais, sociais, culturais e lingüísticos. E segundo Parra, o narrador é um observador que anota suas impressões de maneira distanciada e, por isso mesmo, consegue registrar todo um conjunto de situações de forma verídica, sem comprometer a veracidade dos fatos (Parra, 2003).¹⁸

A linguagem usada por Alcântara na obra é leve e bem-humorada, espontânea e comunicativa, resultado conseguido devido a sua atividade como jornalista e àquilo que o próprio Alcântara observava nos imigrantes: alegria e esperança. Nos seus textos, o que parece interessar ao autor é a língua estrangeira como indicador mais aparente da transformação social. O que mais chama atenção é o que a obra tem de menos atual hoje em dia, ou seja, italianismos como *ciao*, *andiamo*, *subito*, repito *un'altra* vez, *ia dimenticando* de dizer, proferidos por seus personagens “italo-brasileiros de São Paulo”; a presença de nomes como Beppino, Carmela, Nicolino, Lisetta, Rocco, Genarinho e até a dedicatória ao caricaturista Lemmo Lemmi (o Voltolino) e aos “novos mamalucos”, como Victor Brecheret, Anita Malfatti e ao conde Francisco Matarazzo Júnior.

Alcântara se propôs a homenagear a italianidade lingüística e comportamental que marcava o ritmo de dinamismo e otimismo da cidade que estava em plena expansão no começo do século passado. Um leitor mais desavisado poderia até pensar que o escritor estivesse fazendo ironias com os italianos. Contudo, ao invés de fazer deformações da sintaxe e da prosódia, como o fez Alexandre Ribeiro (o Juó Bananére) com seu tom anedótico e satírico, Alcântara integrava vocábulos e estruturas frasais da língua italiana ao português coloquial das personagens, preservando, assim, a brasilidade do narrador.

Meu objetivo é o de chamar a atenção para as colocações de vocábulos italianos que se misturam com o português coloquial. Usarei o conto “Gaetaninho” para exemplificar a questão das expressões italianas usadas para marcar a influência da imigração e da mistura de raças (brasileira e italiana), na sociedade paulistana.

¹⁸ PARRA, Aline Soler. *Alcântara Machado: a voz dos ítalo-paulistas*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/alunos/publicacoes/textos/a00003.htm>

A escolha deste conto deve-se à simplicidade típica do imigrante italiano que se vê na voz de um menino, cheio de sonhos, desejos e esperança. As características do conto (quanto dos outros textos de Alcântara Machado) são as frases curtas e diretas; a preferência pela ação em contraponto à descrição; a dicção jornalística de “ausência” de autor; os recortes de instantâneos urbanos.¹⁹ Os contos de *Brás, Bexiga e Barra Funda* são fundadores da representação literária e simbólica de São Paulo.

Podemos ressaltar, também, o uso de expressões italianas que marcam a influência da imigração e a sua linguagem radiofônica, como se fosse um locutor esportivo narrando um jogo de futebol.

Como nos diz Fausto, a cidade de São Paulo não foi mais a mesma com a chegada dos italianos. A proposta literária de Alcântara estava de pleno acordo com a proposta modernista da época. Um exemplo típico desse primeiro momento modernista é o conto “Artigo de Fundo”, que inicia o livro, de caráter explicativo, entre manifesto e declaração de intenções. O grupo paulista ao qual Alcântara participava era formado de jovens escritores que investiam contra uma concepção de língua e de literatura. A tônica dos modernistas era o nacionalismo: a poesia “pau-brasil”, o verde-amarelismo e a antropofagia.

No conto “Gaetaninho”, a palavra “banzando”, que aparece como tentativa de uma mistura do português com o italiano, por exemplo, vem substituir outro verbo, no caso, “brincando”: “- Xi, Gaetaninho, como é bom! Gaetaninho ficou *banzando* bem no meio da rua.” Outros exemplos de palavras em italiano que se misturam com o português: “Subito” (expressão italiana); “Êta salame de mestre!” (mistura de italiano com português); “Ahi, Mari!” (expressão italiana).

Existia em Alcântara Machado uma profunda necessidade de sentir e interpretar o Brasil através de sua literatura. Um Brasil novo, que surgia diante de seus olhos, sendo feito por brasileiros e pela, segundo o próprio autor, “novíssima raça de gigantes”. Gigantes construindo um gigante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Concluir um trabalho é algo que limita e delimita qualquer perspectiva de seguir outros caminhos, de contemplar outras possibilidades. Por isso, prefiro usar um título que me parece mais apropriado para a etapa que acabo de apresentar: “considerações finais”, porque, assim, além de tirar de meus ombros todo o encargo que seria, toda a cobrança

¹⁹ *Cult*, op. cit. p. 46.

que viria sobre mim (plenamente justa, claro, pois “concluir” implica em dominar totalmente, esgotar um assunto), deixo para outros a oportunidade de desbravar territórios ainda não explorados.

O que pretendo dizer com tudo isso é que um trabalho deve ser avaliado pelo que ele apresenta dentro daquilo que foi proposto em seu sumário, por exemplo. As dificuldades são muitas, para todos, bibliotecas fechadas, livros que simplesmente sumiram das prateleiras (justo aquele que tanto precisávamos!). No entanto, a dedicação, o esforço, e, acima de tudo, a vontade de fazer algo realmente fruto de muito trabalho e pesquisa é o que nos impulsiona a continuar. Tudo o que foi dito é para esclarecer ao leitor sobre o que fez o semiólogo e romancista italiano Umberto Eco na apresentação da versão final de sua tese.²⁰ Eco não descreveu apenas as conclusões, mas também as hipóteses descartadas e as “pistas falsas”, como se estivesse fazendo o relato de uma investigação e não uma tese acadêmica. Exatamente o que tentei fazer em meu trabalho.

Objetivei para este trabalho chamar a atenção para a linguagem ítalo-paulista usada por Alcântara Machado em seu livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, exemplificando com o conto “Gaetaninho”. Considerei também relevante citar outro escritor que trabalhou com a questão da fala do imigrante italiano de São Paulo, Juó Bananére.

A importância desses autores para a história da imigração italiana no Brasil e para descrição desta mistura de idiomas que ocorreu e permanece até hoje está para sempre registrada, através de seus textos, tanto na sátira da linguagem “macarrônica” de Bananére quanto no ítalo-paulistanismo de Alcântara Machado. De uma maneira ou de outra, a Literatura faz a sua parte immortalizando a História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, [197-?].

CONTOS ITALIANOS: Antologia. Trad., pref: Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai, Rio de Janeiro: Ediouro, [197-?]. Clássicos de Bolso.

Fanátics por São Paulo: Juó Bananére. Disponível em:
<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/especial/spaulo/sp13.html>.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Antologia*: Trechos escolhidos por Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961. Coleção Nossos Clássicos, n.57.

_____. “A Sociedade”. In: *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Apres. Décio Pignatari. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

²⁰ A tese de graduação de Umberto Eco foi sobre o problema estético em Tomás de Aquino.

_____. "Gaetaninho". In: *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Apres. Décio Pignatari. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *Novelas Paulistas: Brás, Bexiga e Barra Funda, Laranja da China, Mana Maria, contos avulsos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. *Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China*. São Paulo: Klic, 1997. Coleção Livros O Globo, n.20.

MIGLIACCI, Paulo. *Juó Bananére: as cartas d'Abax'o Piques*. Disponível em: <http://www.ig.com.br/paginas/igler/especiais/sp/juo.html>.

PARRA, Aline Soler. *Alcântara Machado: a voz dos Ítalo-paulistas*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/alunos/publicacoes/textos/a00003.htm>.